

# MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

Setúbal, 2004

1



# **MUSA**

**museus, arqueologia & outros patrimónios**

**Volume 1  
Setúbal 2004**

**FIDS & MAEDS  
Autarquias do Distrito de Setúbal**



# Ficha Técnica

## *Edição*

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)

## *Direcção*

Victor Borrego (Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal)

## *Coordenação Editorial*

Joaquina Soares

## *Conselho Científico*

António Nabais  
Carlos Tavares da Silva  
João Luís Cardoso  
Mário Canova Moutinho  
Mário Varela Gomes  
Victor S. Gonçalves  
Vitor Serrão

## *Conselho Redactorial*

Antónia Coelho-Soares  
Fátima Contramestre de Almeida  
Fernanda do Vale  
Germesindo Silva  
João Carlos Faria  
Luís Ferreira  
Maria Graça da Silveira Filipe  
Maria Rosa Peralta Sousa Silva  
Maria Teresa Rosendo  
Miguel Correia  
Teresa Rosa Gomes da Cruz Silva

## *Secretariado e correspondência*



Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal  
Av. Luisa Todi, 162; 2900-451 Setúbal (Portugal)  
Telefs - (351) 265239365/265534029; Fax - (351) 265527678  
Email - maeds@mail.telepac.pt

## *Capa*

Fotografia inédita, de autor desconhecido, propriedade do MAEDS.  
Cais da Torre do Outão, com hiato de Setúbal, 1908.

## *Execução gráfica*

Ana Paula Covas  
António Caetano de Campos Ramos  
Jan van Krimpen

## *Impressão e acabamento*

Impripal Artes Gráficas, Lda. - [www.imprupal.com](http://www.imprupal.com)

## *Depósito Legal n.º*

221991/05

## *ISSN*

1646-0553

## *Tiragem*

1400 exemplares

## Nota de Abertura

É com inegável prazer que anuncio a publicação da revista *MUSA*, em atenção ao seu valor intrínseco, enquanto repositório de importantes artigos, originais, sobre o património cultural do Distrito de Setúbal, aqui abordado na dupla vertente da investigação e da divulgação.

Igualmente importante é o valor simbólico da *MUSA*, uma vez que revela a capacidade do Poder Autárquico da região em encontrar consensos e pontes de diálogo, ao serviço da cooperação supramunicipal.

De facto, é crescente a consciencialização colectiva sobre a necessidade de reforçar a acção intermunicipal nos domínios da cultura, do ambiente, da educação, da saúde, do turismo. Precisamente nesta lógica, se enquadra o papel da Assembleia Distrital de Setúbal e nesse âmbito a edição da presente publicação.

A revista *MUSA* é, em grande parte, suportada pelo funcionamento do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, o qual configura a primeira rede de museus de carácter regional a surgir no país e cujo exemplo espero que frutifique.

A presente publicação constitui um desafio ousado, pelo esforço e dedicação que pressupõe e congregou o entusiasmo de muitos especialistas nas questões da cultura e do património, que em boa hora elegeram o Distrito de Setúbal como campo de estudo; para eles vão as minhas saudações e agradecimento.

Desejo, igualmente, agradecer os apoios que alguns parceiros institucionais e sócio-económicos disponibilizaram para esta iniciativa e, finalmente, fazer votos para que a *MUSA* vá ao encontro dos interesses da Comunidade Distrital e a possa também inspirar.

**O Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal**

**Victor Borrego**

# Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal – FIDS

## *Integrado por:*

- + Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal
- + Museu Municipal de Alcácer do Sal/Câmara Municipal de Alcácer do Sal
- + Museu Municipal de Alcochete/Câmara Municipal de Alcochete
- + Museus Municipais de Almada/Câmara Municipal de Almada
- + Serviços Culturais/Câmara Municipal do Barreiro
- + Serviços Culturais/Câmara Municipal de Grândola
- + Departamento de Acção Sociocultural/Câmara Municipal da Moita
- + Museu Municipal de Montijo/Câmara Municipal de Montijo
- + Museu Municipal de Palmela/Câmara Municipal de Palmela
- + Museu Municipal de Santiago do Cacém/Câmara Municipal de Santiago do Cacém
- + Ecomuseu Municipal do Seixal/Câmara Municipal do Seixal
- + Museu Municipal de Sesimbra/Câmara Municipal de Sesimbra
- + Museus Municipais de Setúbal/Câmara Municipal de Setúbal
- + Museu Municipal de Sines/Câmara Municipal de Sines

## Patrocínios

---

Administração do Porto de Sines



Fundação para a Ciência e Tecnologia



Região de Turismo de Setúbal - Costa Azul



A revista *MUSA* surge, essencialmente, em resultado da dinâmica do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, plataforma de debate das questões do património, abordadas a partir dos museus. Sem regulamentos prévios, deixando que a realidade concreta se espelhe na acção e oriente o rumo do FIDS, constrói-se o percurso, caminhando. Não se procura a homogeneidade, antes se aposta na diversidade, na diferença, na crítica. As vozes críticas obrigam à reflexão, mas supõem também firmes princípios de cooperação e solidariedade. Com base nas muito diversas posturas sócio-ideológicas, foi possível avançar com o presente projecto editorial de forma inclusiva, com a participação de todos os concelhos do Distrito de Setúbal, e este é o aspecto que mais valorizamos, porque mostra a capacidade que a região possui para se associar em torno de projectos de interesse comum, e particularmente de vocação cultural.

Este volume possui, evidentemente, um carácter experimental; o próximo será provavelmente melhor estruturado. Tentou-se conciliar o inconciliável, ou talvez não, quando se assumiu a publicação de originais de carácter científico, resultantes de projectos de investigação, e de textos de divulgação, acessíveis a um grande público. O propósito de servir esse vasto público interessado nas áreas do património, museologia e arqueologia, na dupla perspectiva da divulgação e da produção de novos conhecimentos, confere à revista um interesse duradouro.

A *MUSA* encontra-se organizada em várias secções, fisicamente delimitadas no corpo da revista, para melhor orientação dos leitores; a sua temática centra-se nas diversas modalidades do património cultural (procurou-se, aliás, reunir textos reveladores dessa abrangência); mostra-se aberta à colaboração de especialistas nos domínios atrás referidos; a sua geografia, de partida ou de chegada, deverá ser o Distrito de Setúbal; a base autárquica em que a revista assenta não pode, no entanto, ser confundida com autarcia e o campo geográfico de incidência da revista deve ser entendido de forma flexível; textos teóricos, sem um suporte territorial determinado, terão o melhor acolhimento.

Parece-nos razoável apostar em uma periodicidade anual. Os prazos de entrega de textos e de revisão de provas terão de ser objecto de calendarização; as normas de publicação são disponibilizadas desde já, no final deste volume. Da periodicidade da revista resulta que a agenda cultural, conforme a tínhamos pensado no início deste processo, poderá não cumprir, integralmente, os seus objectivos de informação atempada; terá pois de sofrer apreciáveis melhoramentos, destinando-se sobretudo a anunciar realizações programadas com muita antecedência e/ou à produção de reflexões e opiniões sobre eventos culturais ocorridos ou não no Distrito.

**A Coordenadora Editorial**

**Joaquina Soares**

# Índice

<b>Museus</b>	9
Mário Canova Moutinho <i>Os Compromissos dos Museus com a Sociedade</i>	11
António Nabais <i>Museu-oficina de Artes Manuel Cargaleiro. Quinta da Fidalga (Seixal)</i>	15
João Carlos Faria <i>Alcácer do Sal: páginas de história, a história de um museu</i>	19
Elsa Afonso e Paula Costa <i>Museu Municipal de Alcochete. Um museu em desenvolvimento</i>	23
Ângela Luzia e Maria Rosa Silva <i>Almada - apontamentos para a história de uma cidade</i>	28
Germesindo Silva <i>Museu Mineiro do Lousal. Espaço de encontro e cultura</i>	40
Maria Teresa Rosendo <i>O Museu Municipal de Palmela apresenta-se</i>	44
Graça Filipe <i>Antecedentes da criação de um museu no concelho do Seixal. Das ideias e acções anteriores a 1974, à emergência de um projecto cultural e do museu municipal</i>	51
Luís Jorge Rodrigues Gonçalves <i>Museu Municipal de Sesimbra. Programa de desenvolvimento</i>	61
Antónia Coelho Soares <i>Um projecto museológico para Sines</i>	67
Joaquina Soares <i>Museu/Museus. Operacionalizar funções</i>	75



<b>Arqueologia</b>	81
Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares <i>Intervenção arqueológica no sítio neolítico de Brejo Redondo (Sines)</i>	83
Antónia Coelho Soares e Carlos Tavares da Silva <i>Novas oficinas de produção de preparados piscícolas na área urbana de Sines. Intervenção arqueológica na Rua Ramos da Costa</i>	111
Eurico Sepúlveda <i>Os Murrii. Oleiros tardo-itálicos</i>	123
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e Susana Duarte <i>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua António Maria Eusébio, 85-87</i>	137
<b>Outros Patrimónios</b>	153
T.M. Azevêdo, M. Abreu e A.M. Galopim de Carvalho <i>Uma vez mais a Pedra Furada</i>	155
Vitor Serrão <i>O mestre do retábulo da Igreja da Misericórdia de Almada (1590): O pintor Giraldo de Prado</i>	161
Vanessa de Almeida <i>Mausoléu de Alfredo da Silva</i>	176
Marisol Aires Ferreira <i>Património construído da aldeia de Melides</i>	181
Teresa Rosa Silva <i>Os recursos da Borda d'Água no contexto sócio-económico do Tejo</i>	186
Fátima Contramestre de Almeida <i>Contributo para um Guia do Arquivo Histórico Municipal de Montijo</i>	193
José Matias <i>Património molinológico do concelho de Santiago do Cacém</i>	200

<b>Recensões, Publicações e Informações</b>	213
Mário Varela Gomes <i>“Mais um escalpe no meu cinto”. A propósito de “Os Hipogeus Pré-Históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as Economias do Simbólico”, de Joaquina Soares</i>	215
Susana Duarte <i>Ler Arqueologia e Património na biblioteca do MAEDS. Títulos inventariados em 2003</i>	219
Câmara Municipal de Alcácer do Sal	229
Câmara Municipal de Alcochete	230
Câmara Municipal de Almada	231
Câmara Municipal do Barreiro	233
Câmara Municipal de Grândola	235
Câmara Municipal da Moita	237
Câmara Municipal de Montijo	239
Câmara Municipal de Palmela	241
Câmara Municipal de Santiago do Cacém	244
Câmara Municipal do Seixal	245
Câmara Municipal de Sesimbra	249
Câmara Municipal de Setúbal	251
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal	253

# Património construído da aldeia de Melides

MARISOL AIRES FERREIRA\*

## RESUMO

O presente artigo é o resultado do levantamento efectuado sobre o património construído da aldeia de Melides, no qual tentamos sucintamente analisar o desenvolvimento do urbanismo neste núcleo e, por outro lado, fomentar o conhecimento da história local como meio seguro e eficaz de evitar a descaracterização deste núcleo urbano.

## ABSTRACT

The present article is a result of a study of the historical heritage of aldeia de Melides, where we studied urban development, to stimulate knowledge about local history in order to prevent the urban centre losing its fundamental character.

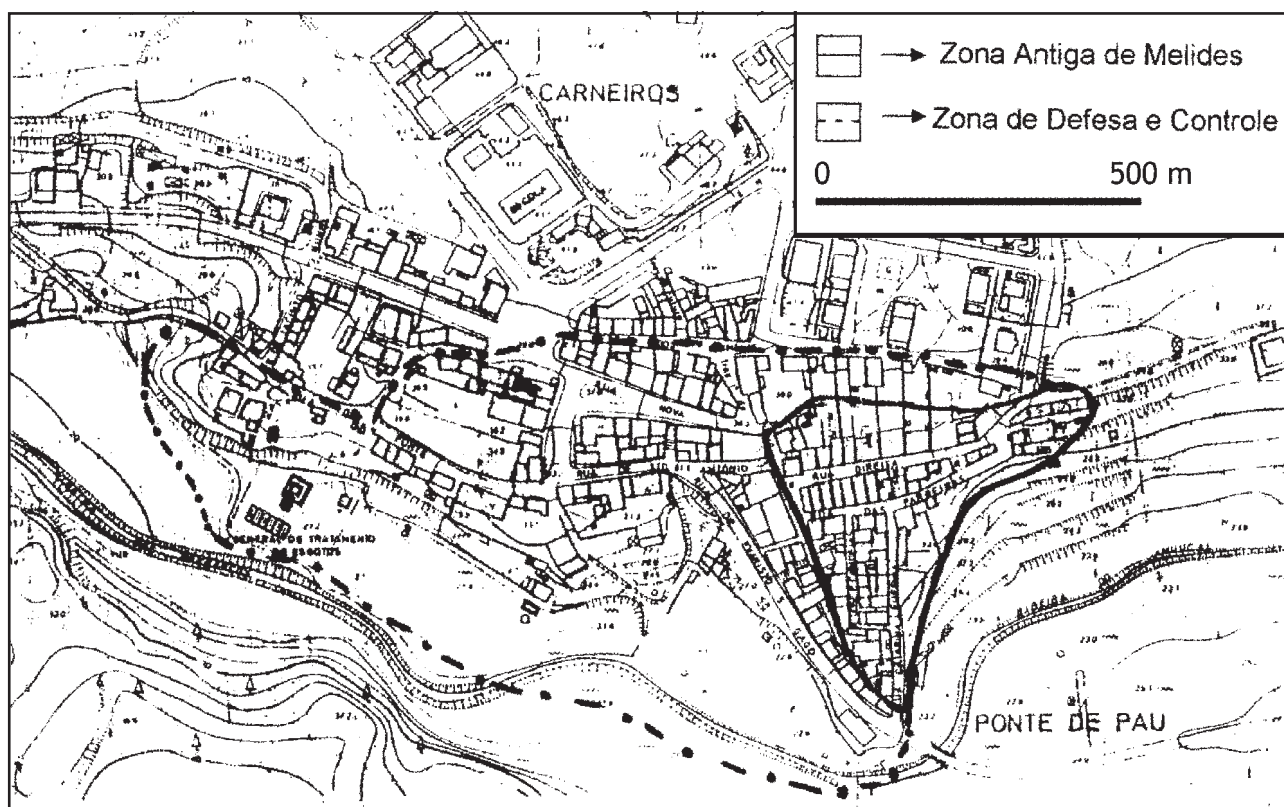


Fig. 1 - Delimitação da Zona Antiga da aldeia de Melides.

\* Arqueóloga da Câmara Municipal de Grândola.

O presente trabalho é o resultado de um levantamento efectuado sobre o património construído da aldeia de Melides, no qual tentamos caracterizar e analisar o desenvolvimento do urbanismo neste núcleo e, por outro lado, fomentar o conhecimento da história e da cultura locais como meio seguro e eficaz de evitar a sua destruição e descaracterização.

Antes de nos debruçarmos sobre a caracterização do património construído da aldeia de Melides, seria importante caracterizar sucintamente este núcleo no seu contexto histórico.

Os vestígios mais antigos que encontramos na aldeia de Melides remontam ao Neolítico.

Junto à povoação do lado sudeste, num vale que separa dois morros de calcário miocénico, foram

identificadas duas grandes grutas, uma denominada Gruta do Lagar, outra Cerca do Zambujal. Ambas foram usadas como local de enterramentos tendo sido exumados, além de esqueletos, machados de pedra polida, enxós, contas e peças em cerâmica (Nogueira, 1928, p. 3-11).

As referências bibliográficas presentemente disponíveis testemunham, segundo o cartógrafo Orchims, que, em finais do séc. XIV, Melides seria um porto pesqueiro o qual, devido à estreiteza da sua barra, devia ser frequentado por barcos de pequeno calado.

Na carta de Álvaro Seco, do primeiro quartel do séc. XVI, a povoação de Melides já vem indicada, sendo perfeitamente visível a reentrância marinha.

		Branco	Azul	Amarelo	Cinzento	Preto	Verde	Prateado		
	<b>Fachada</b>	92,9%		1,8%			5,3%			
<b>Platibanda</b>	7,0%			50,0%			1,8%			
<b>Cimalha ou Cornija</b>	45,6%	52,5%	14,0%			3,5%				
<b>Remate Recortado</b>	8,8%	6,1%								
<b>Remate Normal</b>	38,6%	13,2%								
<b>Barras</b>		10,5%	52,6%	5,3%	5,3%		1,8%			
<b>Socos e Cunhais</b>			38,6%	3,5%	7,5%					
<b>Ferro Forjado</b>	19,3%	9,0%				18,1%		9,0%		
	<b>Caixilharia</b>	<b>Termolacado</b>	<b>Alumínio</b>	<b>Madeira</b>	<b>Castanho</b>	<b>Cinzento</b>	<b>Verde</b>	<b>Branco</b>	<b>Amarelo</b>	
<b>Portas</b>		5,3%	3,5%	81,2%	78,9%		3,5%	5,3%	1,8%	
<b>Janelas</b>		1,8%	3,5%	94,7%	82,5%		3,5%	7,0%	1,8%	
<b>Emolduramentos</b>										
<b>Argamassa</b>	36,8%					3,5%	3,5%	5,3%	5,3%	
<b>Pedra Bojardada</b>	22,8%									
<b>Barras Pintadas</b>	10,5%							3,5%		

Fig. 2 - Quadro síntese das cores e dos materiais de construção utilizados.



Na obra *Description de las Costas y Puertos de España*, elaborada entre 1622 e 1630, o cartógrafo e historiador Teixeira Albernás ainda considera Melides como porto, referindo expressamente:

“[...] se encontrava un el mar un sitio em cuja meridional hesta situada la villa de Melides tiro mosque se su barra que nos hes capaz de navios grandes asi por su poco como por ser muy hestrecha [...]”

Incluída administrativamente no concelho de Santiago do Cacém até ao séc. XIX<sup>1</sup>, o povoamento da aldeia de Melides devia ser disperso. Grande parte da população viveria em montes disseminados pelas imediações do porto e a futura aldeia poucas casas teria.

No ano de 1533, aquando das visitas à comenda de Santiago do Cacém, realizadas pelo Cavaleiro Diogo Salema e António Fernandes, prior de Colos, surge-nos identificada a Ermida de Santa Marinha, dotada de sacerdote e alfaias religiosas necessárias ao culto.

É de estranhar a situação desta ermida dado que é usual localizarem-se no centro das povoações. Provavelmente ela surgiu associada a um culto ligado à actividade piscatória, profissão predominante da maioria da população.

Durante o séc. XVII, devido em grande parte ao contínuo assoreamento da barra, houve um retrocesso na actividade pesqueira e, em contrapartida, a população da zona de Melides passou a dedicar-se à agricultura.

As alterações económicas provocadas pelo incremento da agricultura e do comércio devem ter sido uma das razões de base que levou ao crescimento da aldeia.

Este facto levou a que nos finais do séc. XVII fosse construída uma nova capela, agora na aldeia de Melides.

Esta hipótese é reforçada com a informação de

que, em 1705, foi concedido alvará ao padre Manuel Pinto da Cunha para que adquirisse um sacrário para a capela de S. Pedro de Melides.

Justifica-se assim a situação da igreja de S. Pedro, que, ao contrário do que é normal, não se encontra inserida no núcleo antigo da aldeia de Melides, mas sim em um dos lados opostos.

## ORIGEM DO NOME MELIDES

Pinho Leal na sua obra, *Portugal Antigo e Moderno*, refere o seguinte relativamente à origem do nome de Melides:

“[...] diz-se que o nome d’ esta freguezia é corrupção de Mil Lides e que este nome lhe proviu de uma grande batalha que aqui houve em tempos antigos [...]”

Por outro lado, se tivermos em consideração a importância que a actividade marítima teve durante vários séculos nesta zona e dado que até ao momento não foi comprovada a existência de grandes batalhas no sítio em questão, podemos levantar a hipótese que a origem do nome de Melides estará relacionada com a palavra *melido*.

O sinónimo é molhelha e designa a almofada de estopa, forrada de lona, que é enfiada num cabo que passa por de baixo do verdugo da embarcação e serve para a proteger das pancadas.

## CARACTERIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO

A caracterização e análise do património construído da aldeia de Melides foi efectuada em cerca de 14 ruas, tendo sido seleccionados cerca de 50 edifícios.

A zona antiga da aldeia de Melides encontra-se bem delimitada e fica situada numa pequena elevação que dá para um longo vale (Fig. 1).

---

1. A freguesia de Melides dependeu do concelho de Santiago do Cacém até Outubro de 1885, data em que passou para Grândola. Voltou a ser incorporada em Santiago do Cacém de 22/12/1870 a 26/09/1895. A partir desta data voltou definitivamente para o concelho de Grândola.



Fig. 3 - Melides. Fachada principal de edifício do século XVIII/XIX.

Toda a mancha urbanística conserva uma traça original, que documenta tendências próprias de muitos dos núcleos urbanos situados no Litoral Alentejano.

Grande parte dos edifícios situa-se sensivelmente entre os finais do séc. XVIII e finais do séc. XIX/XX.

Assim, dos 50 edifícios inventariados, 47% possuem dois pisos e 53% apenas um piso. Os vãos são, na sua grande maioria, dispostos verticalmente, com caixilharia de madeira e molduramentos em pedra bojardada ou argamassa. 20% dos edifícios são guardados de janelas de sacada com varandas em ferro forjado ou fundido, sendo o último usado em menor quantidade (Fig. 2). O remate das fachadas é, quase na sua totalidade, em cimalha.

O telhado, predominantemente de duas águas e pouco inclinado, é revestido, quase na sua totalidade, por telha de canudo. No séc. XIX divulga-se a chamada telha marselhesa, mais sólida e duradoura, que

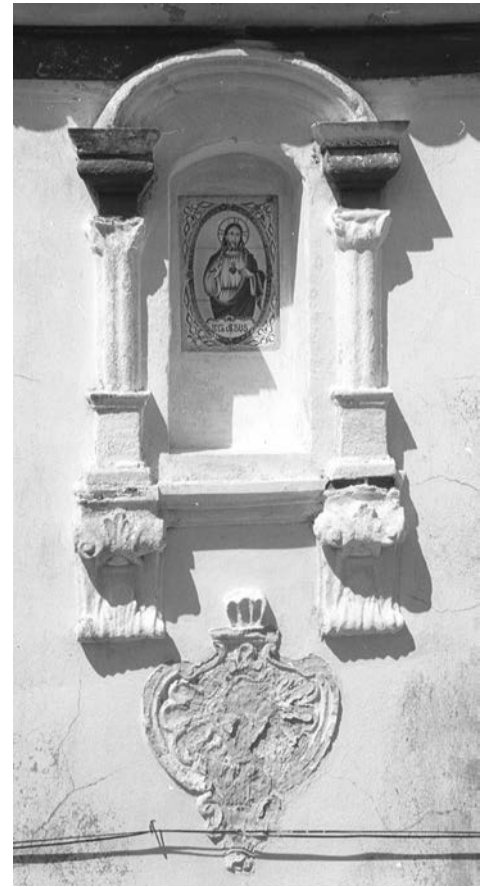


Fig. 4 - Pormenor de decoração (nicho) da fachada do edifício da Fig. 3.

vem substituir, embora em pequena percentagem, a telha de canudo ou caleira.

Dentro da zona antiga a percentagem de habitações degradadas ronda os 10%, apresentando algumas um grau de ruína bastante grande.

A casa não é um elemento estático, ela sujeita-se à evolução e transformação devido a vários factores internos e externos. A partir dos anos 60 (séc. XX) os materiais tradicionais são substituídos por outros de carácter industrial, passando a ser usado o tijolo. Esta mudança provocou, por outro lado, transformações a nível das formas, plantas e proporções das casas. A taipa e a pedra deixam de ser usadas na construção das casas.

Com o crescimento da população associado à escassez de espaço na zona antiga, a construção prolifera e as casas começam a agrupar-se em bairros recentes à margem da zona antiga.

Uma das particularidades mais dominantes neste núcleo é o jogo subtil das formas, a horizontalidade



Fig. 5 - Melides. Edifício de um piso, muito comum na zona antiga.



Fig. 6 - Melides. Aspecto do património construído. Séculos XVIII/XIX.



Fig. 7 - Melides. Edifício de um piso, muito comum na zona antiga.

dos planos, a volumetria e as cores usadas nas fachadas.

Aqui predomina também o branco, que é recortado por uma barra azul ou, em menor percentagem,

por uma barra amarela; estas são essencialmente usadas nas molduras das janelas, portas e cunhais dos edifícios.



Fig. 8 - Pormenor de decoração de lintel.

## BIBLIOGRAFIA

SILVA, G. (1993) - Factos e Enigmas da História de Melides. In *"Jornal Ecos de Grândola"*, n.ºs 11, 12 e 13.

FERREIRA, M. A. (1996) - *Levantamento do Património Construído da aldeia de Melides* (não publicado).

NOGUEIRA, A. M. (1928) - Estação Neolítica de Melides - Grutas Sepulcrais. In *separata dos "Serviços Geológicos de Portugal"*.

SANTOS, M. C. (1971) - Notícias sobre monumentos e objectos pré-históricos de Monte Real, Concelho de Leiria, e das vizinhanças de Grândola, e de Melides (Estremadura). *O Arqueólogo Português*, S. 4, 5, p. 37-42.